



ARTES VISUAIS COMO AÇÃO MISSIONÁRIA DENTRO E FORA DA IGREJA

Visual arts as missionary action inside and outside the Church

Bruno Felipe Fachi¹

RESUMO: Este artigo trata da relação das artes visuais com a evangelização nos tempos contemporâneos por meio da mistagogia e espiritualidade presentes no artista católico. Entretanto, é necessário entender as vertentes que a arte trabalha através de símbolos e sinais nas imagens de culto e imagens de devoção para uma missão verdadeira, focada no testemunho de vida. Todo cristão, aqui priorizado o artista, possui o dever de propagar o anúncio do evangelho buscando se expressar na linguagem do outro sem perder a autenticidade da fé católica.

PALAVRAS-CHAVE: Arte Sacra; Arte Religiosa; Mistagogia; Artes Visuais; Artista Católico.

ABSTRACT: This paper deals with the relationship of the visual arts with evangelization in contemporary times through the mystagogy and spirituality present in the Catholic artist. However, it is necessary to understand the aspects that art works through symbols and signs in images of worship and images of devotion for a true mission, focused on the testimony of life. Every Christian, here prioritized the artist, has the duty to spread the proclamation of the gospel seeking to express himself in the language of the other without losing the authenticity of the Catholic faith.

KEYWORDS: Sacred Art; Religious Art; Mistagogy; Visual Arts; Catholic Artist.

No mundo pós-moderno, nesta era midiática, estamos vivenciando na religião diversas expressões de busca por Deus em que muitas se tornaram apenas manifestações culturais, perdendo-se o sentido da verdadeira adesão à fé e seguindo uma religiosidade popular, que se não estudada corretamente, abre brechas para deformações na religião. Conseqüentemente, é necessário saber se comunicar com os homens contemporâneos em suas linguagens, impregnados da ação do Espírito Santo para que auxilie os homens a superar os perigos de se desviar, tendo então um encontro verdadeiro com Deus em Jesus Cristo. Este artigo tem por objetivo, orientar os artistas católicos a utilizarem

¹ Especialista em arquitetura e arte sacra do espaço litúrgico pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: bruno.ffachi@gmail.com

corretamente os seus dons artísticos para uma evangelização perene no mundo contemporâneo.

1. Anúncio do Evangelho

O Espírito é a alma da Igreja que ainda hoje age nos evangelizadores que se deixam conduzir por Ele. Vivemos em tempos privilegiados onde esse mesmo Espírito se faz presença em nossas vidas, em todos que na Terra habitam. Procura-se conhecê-lo melhor, mas é na ação evangelizadora que Ele mais age, num coração puro e disposto a despejar de si mesmo para que a ação vivificante seja um estímulo para um anúncio eficaz do Evangelho. Os artistas possuem o dever de levar a salvação através das suas obras místicas para que o Espírito Santo penetre nos corações e ali se faça morada. O Espírito é quem age e faz.

O artista deve tornar a evangelização além do possível, mais ativa e frutuosa. Uma ação sozinha, sem a ação do Espírito Santo, é uma missão defeituosa. Jesus enviou sobre os apóstolos o Espírito Santo para que saíssem em missão², e assim é com todos os batizados. Enviados à missão sob a ação do Espírito.

Nós sabemos que o homem moderno, saturado de discursos, se demonstra muitas vezes cansado de ouvir e, pior ainda, como que imunizado contra a palavra. Conhecemos também as opiniões de numerosos psicólogos e sociólogos, que afirmam ter o homem moderno ultrapassado já a civilização da palavra, que se tornou praticamente ineficaz e inútil; e estar vivendo, hoje em dia, na civilização da imagem. Estes fatos deveriam levar-nos, como é óbvio, a pôr em prática na transmissão da mensagem evangélica os meios modernos criados por esta evangelização.³

O principal meio de evangelização que o artista deve ter é um testemunho de vida autenticamente cristão, “para que, se alguns não obedecem à Palavra, venham a ser conquistados sem palavras, pelo procedimento”⁴, pelo qual cada um deve buscar uma vida entregue nas mãos de Deus para uma comunhão dedicada ao próximo.

Será pelo comportamento de vida fiel ao Evangelho que as outras almas serão levadas a Deus, pois, é mais fácil escutar melhor nosso testemunho do que o mestre, e se escutar melhor o mestre, é porque já são testemunhas com fidelidade ao Senhor Jesus.

² Jo 20,22.

³ PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 2019, n. 42.

⁴ 1Pd 3,1.

2. A mística e espiritualidade cristã

A espiritualidade e a mística são dimensões inseparáveis, mas distinguíveis e autônomas. A mística surgiu no mundo filosófico para falar sobre o mistério, usado pelo mundo cristão para tratar a inspiração de entrega, uma paixão a qual não conseguimos explicar, apenas sentir. Capaz de arrancar as pessoas do egoísmo e levá-las ao compromisso, em uma relação mais íntima com Deus, sem uma vertente profética, a mística se torna patológica.

A espiritualidade é a vida segundo o Espírito de Deus e uma progressão aberta a realizações. Se amarmos o outro sem Cristo, tudo irá decair, toda arte será vã. Quando amamos a Cristo em primeiro lugar, Ele irradia esse amor aos demais. Ter fé é doar o coração, assim, toda arte deve ser feita com fé, para que as pessoas saiam com um desejo ardente de querer mais a Deus.

2.1. A mística do artista

Mistagogia é uma palavra grega que significa “iniciação ao mistério”. Não é uma palavra bíblica, mas está presente na Igreja desde o século II, onde era usada para enfatizar a iniciação da vida cristã aos sacramentos. A mistagogia implica no próprio ser e é experimentada como um caminho que é iniciado por Deus para adentrar no mistério. A mistagogia é a maneira como somos conduzidos, através de marcas que Deus fez ao longo da nossa vida. Lendo-as, vemos os sinais indicadores dos caminhos que Deus nos fez caminhar⁵ e percebemos os diferentes modos de Sua manifestação.

Ao longo da história, o mistério de Deus é apresentado como uma realidade de comunhão, dinamismo e liberdade. A arte busca falar a mesma língua da mistagogia, procurando ser perpassada pela dinâmica do mistério. Não busca sentimentos superficiais, mesmo que intensos, mas deixa um espaço livre para um envolvimento pessoal, a fim de que, o espectador corresponda à obra, tornando-se parte dela. Assim, aprendemos a nos relacionar com o mistério e acolhemos a vocação de cocriadores de nós mesmos e do mundo.

O artista não se deve deixar ser dominado pelas afeições desordenadas, pois é necessário que exista um ponto determinantemente verdadeiro, que é Cristo. Toda arte

⁵ Cf. 2Cor 3,1-3.

utilizada da mística espiritual é centrada na certeza de que Deus marcou as nossas vidas, sejam de consolações ou desolações, observamos que todas as marcas possuem sentido, e o sentido só descobrimos quando interpretamos o que aconteceu conosco sob a luz daquilo que aconteceu com Jesus Cristo.

2.2. A espiritualidade do artista

Os artistas devem enxergar a arte como uma revelação do mistério divino, unindo as diversas realidades existentes, principalmente a divina com a humana. Esta arte faz uma passagem do intelecto humilde colocado em contato, até o reconhecimento da realidade como aquilo que foi capturado em sua originalidade, não apenas uma imitação da aparência, mas uma compreensão profunda de sua essência.

Para ter acesso à contemplação do invisível presente na arte cristã é preciso estar em comunhão com Deus. Ao produzir uma arte, o artista necessita esvaziar-se de si mesmo para que, em união com Deus, sua pintura penetre na essência das coisas. Estar unido ao Pai para alcançar a originalidade é o essencial para um artista reproduzir o invisível, mas é necessário ter um coração desapegado, para que Deus fale através de si. Um homem de moral medíocre reflete na arte seus próprios defeitos. Portanto, a divindade ali presente só aparecerá àqueles que observam com olhos fiéis, com um “olhar interior”⁶ que consiste em sua purificação, afinal só será possível contemplar o Belo aquele que se tornar belo primeiro.

Olhar não é ver, exige uma transformação do interior. É preciso viver a arte com a necessidade de preparar a vida através de disciplina, estudo, pureza, um verdadeiro aprendizado. Se a arte busca apenas reproduzir a aparência será considerada inadequada, uma vez que a sua essência foi enganada. Quanto à formação destes artistas, a Igreja diz que “todos os artistas que quiserem servir à santa Igreja, para a glória de Deus, lembrem-se de que imitam, de certa maneira, o Deus criador e de que as obras de arte, no culto católico, destinam-se à edificação dos fiéis e à sua instrução religiosa”⁷.

Na aparência da arte por meio de formas e cores, deve transparecer uma realidade verdadeira. Esta arte retratada nas obras tradicionais é buscada atualmente porque

⁶ MUZJ, María G. *La apariencia como trans-parencia: una situación existencial del homo poeticus*. Revista Teologia, 116 (2015). Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/7321>. Acesso em: 22 ago. 2021, p. 108.

⁷ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2019, n. 127. De agora em diante: SC.

reconhece seu núcleo irredutível que foi perdido com o passar do tempo. “A iconografia ‘escreve’ objetivamente o mistério como extensão da Palavra que se celebra na comunidade de fé”⁸, afim de quê, os homens possam além de ver, viver aquilo que lhes é apresentado, manifestando amplamente essa transformação interior do ser.

Desse modo é possível entender que a evangelização pela arte é garantida sob duas condições: a inspiração vinda do Espírito Santo, o qual move os assuntos representados; e a obediência às exigências divinas, condição que move a função artística, que sem humildade, deixará o humano comandar suas vontades por acreditar sufocar seu gênio criativo.

3. Simbologia cristã

Quando falamos em simbologia, portanto, no estudo do símbolo, há um falso entendimento por se utilizar como sinônimo o sinal. Enquanto o sinal possui um significado frio, funcional e rápido, o símbolo por sua vez, envolve uma relação com o representado e o seu significado continua se desdobrando nas experiências da nossa vida. Cores, números, animais, nomes, são alguns dos símbolos citados nas Sagradas Escrituras, em que a Igreja dos primeiros séculos viu a necessidade de expressar sua fé empregando nas paredes das catacumbas alguns destes símbolos, como os acrósticos da palavra peixe: *Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador*; as duas letras iniciais do nome de Cristo colocadas uma sobre a outra, o *Chi-Rho*, entre outros.⁹

O símbolo em sua etimologia pode ser interpretado como uma marca que põe junto:

Símbolo. Vem de dois termos gregos: SYN, que significa junto, unido; e BALIEN, que significa marca, selo, distintivo. O contrário é DIÁ (corte, separação, conflito) BALEIN, isto é, Diábolo, o que divide, separa, gera conflito, confusão.¹⁰

Um objeto carregado de simbologia passa a ter uma representação cultural e passa a ser descrito como um sinal cristão.

Sinal. É algo visível, uma marca, um diferenciador, que permite identificar alguém ou algo, que comunica uma identidade e a torna distinta das demais. Não há como se comunicar sem sinais assumidos por todos, como o alfabeto, os números, a bandeira, o nome, as indicações para o trânsito, etc.. Todas as religiões têm sua identidade e suas características: As pessoas revelam por vestes, modos de ser, se comportar, falar, que pertencem a tal ou qual religião. O cristianismo, nascido a partir do Filho de Deus, encarnado no seio da virgem Maria, que viveu conosco, ensinou,

⁸ ANTUNES, Otávio F. *A beleza como experiência de Deus*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 50.

⁹ Um acróstico é qualquer composição poética nas quais certas letras, quando lidas em outro sentido, formam outra frase ou palavra.

¹⁰ NERY, Irmão Israel José. *Os sinais do cristão*, n. 152; *O símbolo na fé cristã*, n. 154. In: Brasil Cristão - Revista Mensal da Associação do Senhor Jesus, Ano 13, 2010, p. 33.

fez o bem e foi perseguido, crucificado, mas ressuscitou e glorificado está no meio de nós, tem sua identidade inconfundível, única.¹¹

A linguagem da arte é capaz de transmitir o mistério da igreja, onde o simbólico é a manifestação daquilo que é real, mesmo que não em sua totalidade. Graças à participação do Espírito Santo os homens se tornam espirituais, exemplo disto é a figura/simbologia de Nossa Senhora que é a própria representação da Igreja, mostrando a humanidade perpassada pelo Espírito Santo, a unidade entre Deus e os homens.

A arte vai além das razões humanas porque nós como homens não podemos trazer Deus em nossa vida com nossas próprias forças, enquanto a arte pode frutificar o Espírito Santo em nós, sendo ela a manifestação visível daquilo que é invisível. Pela arte, quando chamados a encontrar a face de Deus, também encontramos a face de nossos irmãos, mas somente amadurecidos na fé iremos absorver cada vez mais aquilo que ela transmite. Seu objetivo é transfigurar, porém, sem o amor, a doação, tudo aparcerá estranho, a liturgia, os sacramentos, a simbologia¹².

No âmbito das artes visuais, a reprodução de uma obra figurativa parte de um tema, previamente escolhido. O passo seguinte é delimitar a composição em torno do objeto principal a ser retratado. Nessa composição da obra devem constar elementos – sinais ou símbolos – que passam a ser chamados de atributos iconográficos e tem por finalidade oferecer ao espectador indícios de identidade do principal objeto retratado.¹³

Nós possuímos a necessidade de dons artísticos. O símbolo nos chama a ser introduzidos no conhecimento do mistério sagrado. Deus é muito mais do que podemos imaginar e embora sejamos chamados a viver Nele, isso não cancela esse mistério inefável. O símbolo não engana e é capaz de comunicar o incomunicável, logo que adentrados no âmbito do mistério. Assim, o símbolo se revelará e fará sentido se estivermos relacionados com Deus.

4. Arte sacra e arte religiosa

Há um acordo entre teóricos sobre a diferenciação entre a arte sacra e a arte religiosa, imagem de culto e imagem de devoção. A imagem de culto procede de Deus e não da experiência humana, não podendo dar o mesmo sentido para Deus e para as suas criaturas.

¹¹ NERY, Irmão Israel José. *Os sinais do cristão*, n. 152; *O símbolo na fé cristã*, n. 154. In: Brasil Cristão - Revista Mensal da Associação do Senhor Jesus, Ano 13, 2010, p. 33.

¹² 1Cor 13,3.

¹³ FRAGOSO, Mauro M. Uma proposta para estudo da imaginária cristã a partir de Romano Guardini e o contexto cultural da obra. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 145-166, jan./jun. 2018. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br. Acesso em: 10 out. 2021, p. 161.

A arte sacra se põe a serviço d'Aquele que É¹⁴ e está ligada às imagens de culto dirigindo as pessoas para a transcendência, enquanto a arte religiosa está relacionada às imagens de devoção. A imagem devocional que nasce no interior de um homem mesmo se referindo a Deus, se faz humanamente, partindo de sua essência.

Para Romano Guardini, a imagem autêntica de culto não é considerada uma “obra de arte”, pois ali não houve uma criação de um artista, o mesmo esvaziou-se de si mesmo deixando sua posição de artista para colocar-se a serviço de Deus, se pôs como servo para escutar todos os direcionamentos do Pai, o que verdadeiramente cria, e apenas reproduz a imagem como deve ser¹⁵.

A arte sacra está incondicionada ao dogma, aos sacramentos, à realidade da Igreja. Pastro diz que “na imagem de culto, Deus se manifesta e o homem emudece, contempla, reza”¹⁶. Seu serviço não é ser Cristo, nem representá-Lo, mas será sempre uma revelação do mistério que ultrapassa os pensamentos do artista, seus posicionamentos e sentimentos; esta arte manifesta Deus purificando e elevando o homem do seu âmbito natural para o sobrenatural. Titus Burckhardt distingue:

Os historiadores de arte, que aplicam o termo ‘arte sagrada’ para designar toda e qualquer obra de tema religioso, esquecem-se de que a arte é essencialmente forma. Para que uma arte possa ser propriamente qualificada de ‘sagrada’ não basta que seus temas derivem de uma verdade espiritual. É necessário, também, que sua linguagem formal testemunhe e manifeste essa origem¹⁷.

A personalidade de um homem determinado é expressa diante de uma imagem de devoção. A arte religiosa comove e domina a experiência existente na imagem e sua grandeza, estabelecendo um entendimento de pessoa para pessoa. O efeito que uma imagem de devoção possui é de levar os homens a contemplarem e assim levá-los a uma recordação e desejo íntimo de tributar respeito e veneração aos modelos originais.

Na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia há a determinação de que “em todas as celebrações litúrgicas, ministro e fiéis, no desempenho de sua função, façam somente aquilo e tudo aquilo que convém à natureza da ação, de acordo com as normas litúrgicas”¹⁸, logo, qualquer exercício religioso que exceda essa regra, deve ser considerado como um ato devocional. Portanto, a arte visual que não está vinculada ao culto, é considerada uma imagem devocional.

¹⁴ Cf. Pastro, 2010, p. 113.

¹⁵ Guardini, 1960, p. 22-23.

¹⁶ Pastro, 2010, p. 115.

¹⁷ BURCKHARDT, Titus. *A arte sagrada no Oriente e no Ocidente: princípios e métodos*. São Paulo: Attar Editorial, 2004, p. 17.

¹⁸ SC, 28.

Assim sendo, toda arte sacra pode ser considerada uma arte religiosa já que manifesta devoções individuais e ainda permanece servindo ao culto divino porém, uma arte religiosa só pode ser considerada arte sacra se utilizada para o culto, como por exemplo, em casos como missas particulares onde se utiliza de imagens devocionais existentes no ambiente para formalizar o culto celebrado.

5. Missionariedade do Artista

A salvação em Cristo não está destinada somente àqueles que estão dentro da Igreja e acreditam em Jesus, mas é destinada a todos e, por assim ser, deve estar à disposição de todos. Assim como no passado, muitos não possuem o conhecimento do evangelho e da Igreja por diversos motivos socioculturais. Para eles a salvação em Cristo se dá somente através de uma graça, mas que, não cria necessariamente, um relacionamento com a Igreja. Logo, a missão de um cristão, aqui em particular do artista, é de banhar o mundo com essas graças que provém de Cristo, para que o Espírito Santo alcance para todos a salvação.

À pergunta *porquê a missão?*, respondemos, com a fé e a experiência da Igreja, que abrir-se ao amor de Cristo é a verdadeira libertação. N'Ele, e só n'Ele, somos libertos de toda a alienação e extravio, da escravidão ao poder do pecado e da morte. Cristo é verdadeiramente “a nossa paz” (Ef 2,14), e “o amor de Cristo nos impele” (2 Cor 5, 14), dando sentido e alegria à nossa vida. *A missão é um problema de fé, é a medida exacta da nossa fé em Cristo e no Seu amor por nós.*¹⁹

Os cristãos de todos os tempos deram e continuam a dar a vida para ser um testemunho de fé que receberam como um dom, não por mérito. Como São Paulo, “não me envergonho do Evangelho, pois ele é uma força vinda de Deus para a salvação de todo o que crê”²⁰, por isso, os artistas não devem deixar de anunciar por meio de sua arte que Cristo veio revelar a face de Deus e a salvação para todos os homens, sem reduzir o cristianismo a um mundo secularizado e, ser uma testemunha comprometida para colocar seus dons a serviço da santificação do próximo por meio da beleza. Papa Paulo VI em sua conclusão do Concílio Vaticano II, vem reforçar aos artistas plásticos:

¹⁹ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*: sobre a validade permanente do mandato missionário. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 19 jan. 2022, n. 11.

²⁰ Rm 1,16.

Que estas mãos sejam puras e desinteressadas. Lembrai-vos de que sois os guardiões da beleza no mundo: que isso baste para vos afastar dos gostos efémeros e sem valor autêntico, para vos libertar da procura de expressões estranhas ou indecorosas.²¹

A missão do artista não é moldar a si mesmo, mas apenas frutificar suas capacidades, dando forma estética às inspirações de Deus em sua mente. Nem todos são chamados a serem artistas, mas por terem a tarefa de serem artesãos de sua própria vida, devem torná-la uma verdadeira obra de arte.

Nem todos têm a capacidade para descobrir o amor supremo que se encontra no que é Belo, porque quando este é sentido e realizado na sua verdadeira natureza, manifesta-se na ação humana, no comportamento que temos com os outros e com as coisas que nos rodeiam. A capacidade de amar tudo o que vai para além dos olhos requer dimensão e desenvolvimento espiritual.²²

Através das obras realizadas o artista deve comunicar aos outros a beleza, o bem e a verdade para o crescimento espiritual do espectador, vivendo uma relação recíproca com a beleza. Na linha da parábola dos talentos²³ fica esclarecido que a missão do artista deve render, não deve ser um servo mau e preguiçoso, uma vez que recebeu o dom de revelar o mistério divino. Portanto, é obrigação de todo artista desenvolver seus dons artísticos, espiritual e tecnicamente, para colocá-los a serviço de toda a humanidade.

Considerações finais

O artista deve possuir a consciência da dimensão efetiva constituinte em sua arte, que deve ser sinal visível da presença e da salvação de Deus. A arte é uma expressão de revelação, tendo sua plenitude em Jesus Cristo que desceu dos céus, fez morada entre nós e comunicou aquilo que Deus queria falar. A mistagogia presente na arte visual insere os fiéis nos mistérios de Deus. Ele utiliza da experiência artística para traduzir aos olhos dos fiéis aquilo que seus ouvidos não conseguem ouvir numa outra linguagem.

É preciso, além de enxergar a arte, vivê-la, e este processo de contemplação interior necessita de estar firmado num verdadeiro aprendizado através de uma intensa disciplina nos estudos e na vida pura. O cristão artista possui o chamado para unir a realidade divina

²¹ PAULO VI. *Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II aos Artistas*. 8 dezembro 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-artisti.html. Acesso em: 10 dez. 2021.

²² Cf. DIAS, Emanuel A. F. *A educação artística numa escola católica: um estudo de caso*. 2016. 362 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2016.

²³ Cf. Mt 25,14-30.

com a humana, por meio da revelação do mistério na arte, reconhecendo como realidade aquilo que foi capturado por Deus em sua originalidade.

Portanto, o artista é aquele que está a serviço do mistério, desejando diminuir para que Cristo cresça. Seu fundamento é uma vida enraizada na fé gerando em si a humildade necessária para um testemunho de vida autêntico, pois está a serviço da liturgia, dos mistérios e da Igreja como um todo. O artista deve ser veículo de santidade para todos os que contemplarem as suas obras, nas quais apresenta seu dom divino.

Referências

ANTUNES, Otávio F. *A beleza como experiência de Deus*. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2016.

BURCKHARDT, Titus. *A arte sagrada no Oriente e no Ocidente: princípios e métodos*. São Paulo: Attar Editorial, 2004.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2019.

DIAS, Emanuel A. F. *A educação artística numa escola católica: um estudo de caso*. 2016. 362 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Educação e Psicologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2016.

FRAGOSO, Mauro M. Uma proposta para estudo da imaginária cristã a partir de Romano Guardini e o contexto cultural da obra. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 33, p. 145-166, jan./jun. 2018. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br. Acesso em: 10 out. 2021.

GUARDINI, Romano. *La esencia de la obra de arte: cristianismo y hombre actual*. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1960.

JOÃO PAULO II. *Carta Aos Artistas*. A todos aqueles que apaixonadamente procuram novas “epifanias” da beleza para oferecê-las ao mundo como criação artística. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1999/documents/hf_jp-ii LET_23041999_artists.html. Acesso em: 10 dez. 2021.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio: sobre a validade permanente do mandato missionário*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 19 jan. 2022.

MUZJ, María G. *La apariencia como trans-parencia: una situación existencial del homo poeticus*. Revista Teologia, 116 (2015). Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/7321>. Acesso em: 22 ago. 2021.

NERY, Irmão Israel José. *Os sinais do Cristão*, n. 152; *O símbolo na fé cristã*, n. 154. In: *Brasil Cristão - Revista Mensal da Associação do Senhor Jesus*, Ano 13, 2010.

PASTRO, Claudio. *A arte no cristianismo: fundamentos, linguagem, espaço*. São Paulo: Paulus, 2010.

PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. São Paulo: Paulinas, 2019.

PAULO VI. *Mensagem do Papa Paulo VI na conclusão do Concílio Vaticano II aos Artistas*. 8 dezembro 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651208_epilogo-concilio-artisti.html. Acesso em: 10 dez. 2021.